

# DA MALÍCIA DE HERÓDOTO: DISCURSO E RESISTÊNCIA CULTURAL EM PLUTARCO

## *The Malice of Herodotus: discourse and cultural resistance in Plutarch*

Maria Aparecida de Oliveira Silva<sup>1</sup>

1. Pós-doutoranda em Letras  
Clássicas – USP (Bolsista da  
Fapesp).

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Da Malícia de Heródoto: discurso e resistência cultural em Plutarco*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 33-52, 2010.

### RESUMO

A permanência das práticas culturais gregas em plena época romana desperta o interesse dos estudiosos da Antiguidade em compreender a natureza das dominações militar e econômica impostas aos gregos pelos romanos. Por esse motivo, vários estudiosos atribuem aos escritos de Plutarco um caráter ideológico, no qual o autor escreveria somente para a divulgação e a manutenção da política imperial. Assim, neste artigo, discutiremos sobre o quanto essa análise torna-se insuficiente no caso de Plutarco. Como estudo de caso, selecionamos as informações contidas em seu tratado *Da Malícia de Heródoto*, para demonstrar nossa proposição.

**PALAVRAS-CHAVE:** Plutarco. Heródoto. Identidade Grega

Recebido em: 10/12/2008  
Aceito em: 10/02/2009

## ABSTRACT

The presence of the Greek cultural practices during the Roman time provoke the interest of specialists on Antiquity who try to understand the nature of the military and economical dominance imposed on the Greeks by the Romans. For that reason, several specialists attribute an ideological character to the Plutarch's writings in which the author would write just to become known and to maintain the imperial politics. In this article we demonstrate how insufficient this analysis is in the case of Plutarch. As a case study, information in his treatise *The Malice of Herodotus* is selected to demonstrate our proposition.

**KEYWORDS:** Plutarch. Herodotus. Greek Identity

## Plutarco e Heródoto: contextos distintos

Os contextos distintos em que Heródoto e Plutarco estão inseridos dão conta das diferentes formas de interpretação que ambos apresentam sobre o mesmo fato. Há que se considerar as particularidades das condições históricas e culturais desses autores, que respondem pelas especificidades em seus pensamentos e em seu modo de ver o mundo, além das diferentes informações recebidas, que compõem uma amálgama particular a cada um deles. A partir disso, notamos a existência de várias interpretações possíveis a um fato histórico, abalando as leituras pautadas na concepção de história única e verdadeira. Sendo assim, notamos que as informações legadas pelos autores antigos em paralelo com as evidências arqueológicas são analisadas de acordo com o próprio cotidiano de seu intérprete, o que é perceptível na construção de seus discursos.

Heródoto nasceu em Halicarnasso, no sudoeste da Ásia Menor, região colonizada pelos gregos. Estima-se que ele tenha vivido entre os anos de 485 e 425 a.C. Dessa maneira, o historiador presenciou não somente a guerra entre persas e gregos, como também parte da disputa entre atenienses e espartanos pela hegemonia na Grécia, a conhecida Guerra do Peloponeso, que foi deflagrada em 431 a.C e teve seu fim em 404 a.C. Tal conflito foi estimulado por Péricles, político e orador ateniense, como nos relata Tucídides, na passagem transcrita a seguir: “Sendo ele o homem mais poderoso de seu tempo e estando na direção da política, opunha-se totalmente aos lacedemônios e não permitia concessões, incitava, ao contrário,

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Da Malícia de Heródoto: discurso e resistência cultural em Plutarco*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 33-52, 2010.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Da Malícia de Heródoto: discurso e resistência cultural em Plutarco*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 33-52, 2010.

os atenienses à guerra”. (TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*, I, 127)<sup>2</sup>

Heródoto assistiu aos primeiros anos do conflito, época em que os atenienses mantinham acesa a esperança de vitória sobre a Liga do Peloponeso, em muito estimulados pela habilidade retórica de Péricles, que tinha em seus discursos na Assembleia o seu maior trunfo<sup>3</sup>. Mas Atenas vê seu poderio reduzido com a peste, que se instala na cidade em 430 a.C., e Péricles falecer acometido por ela em 429 a.C., e um novo cenário se configura na contenda. No entanto, os atenienses continuam a obter vitórias diante da Liga do Peloponeso. As mais marcantes foram as derrotas dos espartanos em Pilos e Esfacteria em 425 a.C., ano da morte de nosso historiador.

Ao contrário de Plutarco, Heródoto não nos fornece dados autobiográficos, dificultando a reconstrução de sua biografia, ainda que parcial. Assim sendo, não dispomos de muitas informações sobre a vida do historiador, a não ser de autores tardios que nos legaram dados, na maioria das vezes, descontraídos. Um exemplo disso é o nome de sua cidade natal, que alguns crêem ser Halicarnasso, na Ásia menor, e outros, Túrio, no sul da Itália, o que nos faz compreender o aparecimento em alguns proêmios ora a expressão “Heródoto de Halicarnasso”, ora “Heródoto de Túrio”. A respeito dessa duplicidade nas informações encontradas nos escritos dos antigos, Plutarco, em seu tratado *Sobre o Exílio*, já a identifica e nos oferece a seguinte explicação: “Isto ‘esta é a exposição da investigação de Heródoto de Halicarnasso’ muitos transcrevem ‘Heródoto de Túrio’, pois emigrou para Túrio e daquela colônia participou”. (PLUTARCO, *Sobre o Exílio*, 604F)<sup>4</sup>

De certo, sabemos que Heródoto é o autor de *História*, obra na qual relata a guerra travada entre persas e gregos durante os anos de 481 e 479 a.C., constituindo-se na mais antiga obra historiográfica do Ocidente. Sobre o conteúdo do escrito herodotiano, Schlögel nos informa que os debates políticos e religiosos fomentados pela democracia ateniense, bem como o pensamento filosófico e as ence-

---

2 Tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado.

3 Há um artigo de M. Finley, em que o autor elabora uma análise acurada da política ateniense do século V a.C. e conclui ser improvável que Péricles tenha convencido os atenienses somente por intermédio de seus discursos em Assembleia (FINLEY, 1996: 76-80). Na biografia de Péricles, Plutarco também afirma que o político ateniense empregava a prática do suborno para atingir seus objetivos. Para mais detalhes sobre a interpretação plutarquiana da política de Péricles, ver SILVA, 2007: 185-201.

4 Doravante, todas as traduções dos excertos plutarquianos foram realizadas pela autora.

nações trágicas nos teatros de Atenas, influenciaram sobremaneira a composição de sua obra (SCHLÖGL, 2000: 12). O caráter coletivo das encenações trágicas é apontado por Romilly: “Tendo entrado na vida ateniense devido a uma decisão oficial, inserindo-se em toda uma política de expansão popular, a tragédia aparece associada, desde o início, à actividade cívica. E este laço só podia estreitar-se quando este povo, reunido, assim, no teatro, se tornou no árbitro de seu próprio destino. Ele explica porque é que o gênero trágico está associado ao desenvolvimento político. E explica o lugar que os grandes problemas nacionais da guerra e da paz, da justiça e do civismo, ocupam na tragédia grega” (ROMILLY, 2008: 16-17). Dessa forma, ao falarmos da Grécia de Heródoto, é preciso delimitar seu principal espaço social, que corresponde à Atenas do século V a.C., pois, de acordo com Forrest, o enfoque de nosso historiador é claramente o da vida política ateniense dos anos de 450 a 443 a.C. (FORREST, 1984: 2). Daí concluímos que o contexto histórico da produção literária de Heródoto retrata um momento de prosperidade e de hegemonia ateniense na Grécia.

Como vimos, Plutarco viveu entre os séculos I e II d.C., época em que a dominação romana atingira o seu ápice, uma vez que Júlio César já havia conquistado a Gália, Augusto o Egito e Trajano a Dácia, regiões que trouxeram incontáveis riquezas ao Império, bem como atestaram o seu poderio. A Grécia de Plutarco encontrava-se sob o controle militar romano, que se refletia em suas políticas e economia; vários gregos oriundos de famílias nobres alinhavam-se à política do Império, por isso obtinham cargos em magistraturas e no Senado, e, nessa conjuntura, Russel ressalta que Plutarco aconselha seus companheiros gregos a não resistir ao Império, como se Plutarco pertencesse a esse grupo (RUSSELL, 1973: 9). De fato, em *Preceitos Políticos*, Plutarco afirma:

É melhor precaver-se de modo a jamais entrar em dissensão política, porque é a maior e a mais bela arte política para se liderar, pois observa, dentre os maiores bens às cidades, a paz, a liberdade, a prosperidade, a abundância de homens e a concórdia; na direção da paz, os povos nada necessitam dos políticos no presente tempo. (PLUTARCO, *Preceitos Políticos*, 824C)

Em nosso entendimento, o conselho de Plutarco demonstra a vulnerabilidade da Grécia diante da potência militar romana e que seria um ato de insensatez, por parte de seus comandantes, promover qualquer embate dessa natureza contra os romanos. Como destaca Schimdt, Plutarco aconselha os administradores gregos a administrarem bem suas cidades como demonstração de sua prudência frente ao poderio romano (SCHMIDT, 2009: 126-127). Além disso, vemos o movimento de

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Da Malícia de Heródoto: discurso e resistência cultural em Plutarco*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 33-52, 2010.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Da Malícia de Heródoto: discurso e resistência cultural em Plutarco*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 33-52, 2010.

Plutarco no sentido de garantir a existência de homens que representem a cultura grega no Império, que possam manifestá-la, pois é conhecida a tendência romana de dizimar povoados que se rebelaram contra sua política, daí nosso autor expressar com clareza o bem que é ter “abundância de homens” (εὐανδρίας) em oposição à conhecida oligantropia gerada por contínuas batalhas. O conselho de Plutarco assemelha-se ao dado por Flávio Josefo aos revoltosos na Judeia:

Descobri, então, que já havia brotado o sentimento revolucionário e que muitos albergavam um forte sentimento revolucionário de rebeldia contra os romanos; tentei então acalmar os agitadores e quis convencê-los de que modificassem suas atitudes, fazendo-lhes ver contra quem iam lutar, pois eles não só eram inferiores aos romanos nas práticas guerreiras senão também em recursos materiais. (FLÁVIO JOSEFO, *Autobiografia*, XVII)<sup>5</sup>

Portanto, não se trata de uma simples acomodação à política romana, mas de um pensamento que constata a realidade presente e que busca a preservação de seu povo e, por conseguinte, de sua cultura, uma vez que a dominação política não elimina as práticas culturais de seu dominado. Como nos esclarece Gozzoli, o processo de romanização do Império varia conforme a resistência armada e o nível cultural do dominado. Existe um padrão na ação romanizadora dos territórios: a primeira fase da conquista apóia-se no poder de seu exército e, depois de consolidada a tomada da região, parte para a cooptação das elites locais (GOZZOLI, 1987: 81-82).

A hegemonia militar romana no mundo mediterrâneo inviabilizava qualquer esboço de reação contra o Império, restando aos gregos e aos demais povos a opção de se conformarem aos projetos do imperador, dada sua impossibilidade de recuperação da autonomia política de suas cidades. Somente após o esfacelamento das estruturas políticas e militares, as províncias romanas obtiveram condições para contestar de forma mais veemente o domínio romano em seus territórios, mas isso ocorreu somente muito depois do período de prosperidade romana vivido por Plutarco. Para ilustrar tal proposição, Duran aponta, nos escritos plutarquianos, renúncia e resignação diante da dominação romana, expressas em suas descrições de acontecimentos, nos quais se configuravam os erros que levaram a Grécia ao seu ocaso. A autora acrescenta que Plutarco estava ciente de sua condição e procurava desfrutar algo dessa situação, promovendo assim a *Pax Romana* e suas vantagens para os gregos, como a ausência de guerras e a liberdade para a gerência de seus próprios bens (DURÁN LÓPEZ, 2004: 37-38).

---

5 Tradução de A. C. Godoy.

As assertivas sobre a cooptação de Plutarco pelo Império tornam-se inconsistentes se considerarmos ainda o fato de ele não fazer qualquer referência ao recebimento do título de cidadão romano e de não ter ocupado nenhum cargo político que não estivesse relacionado com os interesses políticos e econômicos de seu território. Quanto às biografias, como notou Momigliano em seu extenso estudo sobre a biografia antiga, o gênero biográfico atingiu notoriedade no período imperial romano por razões contraditórias. Se por um lado ele representava uma maneira de relatar a vidas dos imperadores, o que agradava os romanos, por outro desempenhava o papel de condutor de ideias políticas e filosóficas dissonantes da ideologia imperial. Conforme destaca Momigliano, embora o período áureo do Império romano tenha se notabilizado pela tentativa de manutenção de uma política de pacificação entre o poder central e as províncias, é algo característico da época imperial a crítica ao conceito de *felicitas temporum*; a seu ver, Plutarco, Tácito e Suetônio ilustram bem essa prática. O autor ainda acrescenta que, segundo seus estudos sobre as biografias plutarquianas dos romanos, Plutarco não pode ser considerado um panegirista (MOMIGLIANO, 1993: 99-100). A nosso ver, Plutarco não compôs sua obra para exaltar o Império romano ou ainda a sua cultura; seu objetivo principal está em sedimentar a identidade grega no Império, pautada na história de seu povo e em sua tradição cultural. Um exemplo disso está em um exaustivo estudo sobre a estrutura das biografias romanas de Plutarco, em que Scardigli conclui que nosso autor compôs à moda dos gregos, sem considerar o modelo biográfico instituído pelos romanos (SCARDIGLI, 1979: 10).

Portanto, os séculos que se interpõem entre Plutarco e Heródoto representam anos de histórias transcorridas, revelam ainda mudanças e permanências que constituem diferentes contextos responsáveis pelo modo como cada autor elabora sua visão de mundo, assim como constrói o seu discurso sobre o passado e o presente. Nesse sentido, a recepção da obra de Heródoto por Plutarco nos traz a possibilidade de uma análise diacrônica do mundo grego, uma vez que Heródoto nos mostra uma Grécia vitoriosa que derrotou o grande inimigo persa, orgulhosa de seus soldados e de sua prosperidade econômica e artística, enquanto Plutarco nos exhibe uma Grécia combatida militarmente, com limitações econômicas, que encontra em sua tradição cultural as balizas para a manutenção de sua existência no mundo romano (SILVA, 2009: 167).

A relatividade da “Paz Romana” deve-se ao fato de sua instabilidade, como é o caso do clássico exemplo de Massada, revolta que se deu contra o Império no ano de 72 d.C. e que foi duramente

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Da Malícia de Heródoto: discurso e resistência cultural em Plutarco*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 33-52, 2010.



SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Da Malícia de Heródoto: discurso e resistência cultural em Plutarco*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 33-52, 2010.

reprimida com a eliminação de seus participantes. Tal preservação ocorre por meio da constituição de uma comunidade cuja geografia não mais corresponde à da antiga Grécia. Lembramos o estudo de Gómez Pelosín, em que o autor demonstra que, em Heródoto e em Tucídides, há definições sobre a identidade grega, mas não uma delimitação de um espaço territorial para essas manifestações culturais e que, somente com Estrabão, é que nascerá a noção geográfica do mundo grego (GÓMEZ ESPELOSÍN, 2001: 87-105). Daí a união desta comunidade estar centrada no uso da língua e pela continuidade de práticas culturais que compõem a identidade grega no Império. Para esclarecer nossas conclusões acerca do tratado em epígrafe, destacamos aqui o afirmado por Reimão: “Através da *identificação*, isto é, da conquista da identidade, da maneira de pensar, de agir, de sentir que lhes são comuns, a cultura dá às pessoas que integram uma determinada coletividade, uma *identidade coletiva*, numa linha de tradição e memória” (REIMÃO, 1996: 314).

Para realizar sua crítica à narrativa herodotiana, Plutarco afirma que, em razão de serem muitos os pontos passíveis de questionamento, empreenderá a análise das partes essenciais, como indícios de sua malícia, pois, se apontasse todas, em suas palavras: “necessitaria de muitos livros” (πολλῶν ἂν βιβλίων δεήσειεν) (854F). A partir daí, em um discurso impessoal, de caráter prescritivo e pedagógico, Plutarco estabelece um modelo (τύπῳ), com as marcas que patenteiam a escrita de um malicioso. O significado original do termo é marca, como a deixada por uma mordida. Por isso, Plutarco afirma que pretende “estabelecê-las indícios e sinais de sua narrativa” (οἶον ἴχνη καὶ γνωρίσματα διηγήσεως) (855B). Para cada característica arrolada, Plutarco cita um exemplo para facilitar a compreensão do leitor, além de reforçar o seu argumento, seguindo a técnica retórica que persuade com a comprovação do que foi afirmado, sem observar a veracidade do afirmado, mas sua verossimilhança. Vejamos agora uma das nove marcas instituídas por Plutarco, como exemplo para nossa teoria de que sua narrativa pretende recontar a história de gregos e romanos de forma a apresentá-los de maneira honrosa.

## Do discurso malicioso

Dada a impossibilidade de expormos todas as marcas de um discurso malicioso apontados por Plutarco no decurso de seu tratado, selecionamos a primeira marca que nosso autor apresenta. Como primeira característica de uma narrativa histórica maliciosa, Plutarco

indica: “Primeiro, quem então utiliza os mais desagradáveis nomes e frases, quando se apresentam os mais convenientes, em seu relato dos acontecimentos [...] não é benévolo, mas é como quem se deleita em detalhar o fato”. (PLUTARCO, *Da Malícia de Heródoto*, 855B)

A escolha lexical para a composição de um relato histórico aparece como o primeiro elemento a ser observado nela, pois, se o historiador não se mostra “benévolo” (εὐμενής), isto é, em estado de espírito favorável ao que irá descrever, ou ainda “benévolo” no sentido de estar animado para o relato, a tendência é construir um discurso mal-intencionado, sem preocupação com a investigação dos fatos, contentado-se em satisfazer sua má intenção e redigir um relato que apresente detalhes que preencham sua descrição do acontecimento; por isso, Plutarco afirma “mas é como quem se deleita em detalhar o fato” (ἀπολαύων τῷ † σοφῶς † διηγείσθαι τοῦ πράγματος), uma vez que o prazer da escrita desse historiador não está em apresentar os fatos como eles ocorreram, mas em fundamentar sua intenção, demonstrar como é conhecedor dos pormenores do ocorrido, buscando a descrição de cada evento que constitui o fato.

É interessante notar que, após séculos dessa assertiva feita por Plutarco, em análise sobre o conteúdo histórico de sua escrita biográfica, Finley dirá: “um Lívio ou um Plutarco escreveram de bom grado páginas e páginas a respeito de eventos passados, sobre os quais não tinham, ou não procuravam ter, qualquer controle”. E Finley complementa: “Algo mais que a inteligência estava implícito nessa atitude, que, no final das contas, deve levar uma noção radicalmente diferente da nossa quanto à natureza e o propósito do exercício histórico. Somente Tucídides reconheceu, de maneira total e sistemática, a existência do dilema, que ele resolveu de maneira insatisfatória” (FINLEY, 1994: 13). As conclusões de Finley seguem a corrente historiográfica que vê a escrita dos antigos desprovida de qualquer critério no registro das informações, como ocorre com a produção histórica a partir do século XIX, em oposição a outra, a qual me filio, de que a escrita historiográfica surge com Hecateu de Mileto no século VI a.C. e desde então vem se articulando e se desenvolvendo em torno dos preceitos instituídos principalmente por Heródoto e Tucídides.

Para validar sua afirmação sobre a primeira marca de uma narrativa maliciosa, Plutarco cita dois exemplos, o de Nícias e o de Cléon, ambos encontrados na *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides. No primeiro caso, o de Nícias, observamos a crítica plutarquiiana à escrita historiográfica tucididiana; percebemos até a repetição das palavras de Tucídides, que assim o descreveu, quando ocorreu um eclipse antes da partida da expedição contra Siracusa:

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Da Malícia de Heródoto: discurso e resistência cultural em Plutarco*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 33-52, 2010.



SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Da Malícia de Heródoto: discurso e resistência cultural em Plutarco*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 33-52, 2010.

Mas depois de estar tudo pronto e quando se achavam na iminência de partir, ocorreu um eclipse da lua, que na ocasião estava cheia. A maioria dos atenienses, preocupada com o fenômeno, instou os comandantes a esperarem. O próprio Nícias, que se dedicava com certo exagero à adivinhação e práticas similares, recusou-se terminantemente até a falar no assunto da retirada antes do decurso de três vezes nove dias, de acordo com as prescrições dos adivinhos. Essa foi a razão pela qual os atenienses, já tão atrasados, demoraram ainda mais a partir. (TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*, VII, 50)<sup>6</sup>

Note-se que Plutarco emprega a expressão “tende em excesso à superstição” (θειασμῶ προσκείμενον ἄγαν) (855B) e Tucídides, por sua vez, utiliza “que se dedicava com certo exagero à adivinhação e práticas similares” (ἄγαν θειασμῶ τε καὶ τῷ τοιούτῳ προσκείμενος); respeitando as variações nas traduções, ressaltamos que o verbo, o advérbio e o substantivo são os mesmos na língua grega. Conforme vemos mais adiante, Plutarco tecerá elogios à escrita tucidiana quanto à sua parcimônia na descrição do caráter de uma personagem histórica, o que nos permite afirmar que sua crítica a esse passo de Tucídides destina-se ao modo como se escrevia a história na Grécia antiga, bem como demonstra a influência da metodologia de Heródoto na escrita tucidiana. De sua crítica ainda depreendemos a evolução da escrita da história na Grécia clássica, pois Tucídides já declara estar redigindo uma história diferenciada por não considerar relatos infudados, como verificamos no passo a seguir:

E, quanto às ações que foram praticadas na guerra, decidi registrar não as que conhecia por uma informação casual, nem segundo conjectura minha, mas somente aquelas que eu próprio presenciara e depois de ter pesquisado a fundo sobre cada uma junto de outros, com a maior exatidão possível. (TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*, I, 22)<sup>7</sup>

Portanto, embora a história tucidiana apresente progressos em relação à produzida por seus antecessores, como demonstra Plutarco, também apresenta pontos que são passíveis de críticas, nos quais, no seu entedimento, *Da Malícia* se faz presente. No entanto, verificamos sua contradição na biografia de Nícias. Plutarco, citando o mesmo passo de Tucídides, elabora um breve comentário sobre o caráter do líder ateniense, concordando com a mesma afirmação do historiador ateniense: “Mas, quanto ao resto do comportamento e caráter do homem, pode-se acreditar que certa piedade é resultado para tal graça e arte de conduzir o povo, pois era fortemente tomado pela

6 Tradução de Mário da Gama Kury.

7 Tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado.

admiração das coisas divinas e apegado à superstição, como afirma Tucídides”. (PLUTARCO, *Vida de Nícias*, IV, 1-2)

É interessante notar que Plutarco serve-se do mesmo passo tucididiano para explicar as ações de Nícias e que utiliza a mesma expressão por ele criticada no tratado em pauta, com variação apenas no advérbio, pois Tucídides usa *ágan* (ἄγαν) e nosso autor *sphódra* (σφόδρα), ambos conferindo intensidade ao verbo. Então Plutarco, quando esclarece as razões do comportamento e do caráter do líder ateniense empregando a frase: “pois era fortemente tomado pela admiração das coisas divinas e apegado à superstição” (σφόδρα γὰρ ἦν τῶν ἐκπεπληγμένων τὰ δαιμόνια καὶ θειασμῷ προσκείμενος), aceita o relato tucididiano de que o político ateniense “se dedicava com certo exagero à adivinhação e práticas similares” (ἄγαν θειασμῷ τε καὶ τῷ τοιοῦτῳ προσκείμενος). Tal contradição reitera nossa visão de que Tucídides pertence a um grupo de historiadores gregos que se distingue do de Heródoto, mas ainda apresenta traços que o vincula aos seus antecessores. Igualmente reforça nossa afirmação de que Plutarco busca em *Da Malícia de Heródoto* redesenhar a imagem dos líderes gregos, com intuito de contestar as críticas de seu tempo aos seus antepassados, pois, ainda que critique a escolha lexical de Tucídides no tratado em epígrafe, tece, na biografia de Nícias, comentários elogiosos à escrita do historiador ateniense:

Porque, em suas narrativas, Tucídides foi além dele mesmo nelas, sendo mais sensível, claro e artístico, que produziu de modo inimitável, em nada ultrapassá-lo nós tentamos, tal o infortúnio com Timeu, que esperou ultrapassar Tucídides em habilidade. (*Vida de Nícias*, I, 1)

O segundo exemplo citado por Plutarco para a escolha dos nomes foi a contenda na tribuna entre Cléon e Nícias, narrada por Tucídides no quarto livro de sua obra, em que descreve o debate entre os líderes atenienses, quando da partida da esquadra ateniense para a cidade de Pilos, e Plutarco critica o historiador por registrar que Cleón foi motivo de riso por sua falácia (*κουφολογίαν*), sendo que poderia ter destacado sua “audácia e paixão” (*θρασύτητα καὶ μανίαν*). Nosso autor se refere ao evento assim narrado por Tucídides:

Com estes juntos às tropas já estacionadas em Pilos, ele prometeu que dentro de vinte dias traria para Atenas os lacedemônios vivos ou os mataria no campo de batalha. Ouvindo essa leviandade os atenienses começaram a rir, mas apesar disto os cidadãos sensatos ficaram alegres, pois raciocinaram que obteriam uma de duas coisas boas: ou se livrariam de Cléon (esta era a preferência deles) ou se ficassem desapontados quanto a isso, teriam os lacedemônios em suas mãos. (TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*, IV, 28)<sup>8</sup>

8 Tradução de Mário da Gama Kury.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Da Malícia de Heródoto: discurso e resistência cultural em Plutarco*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 33-52, 2010.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Da Malícia de Heródoto: discurso e resistência cultural em Plutarco*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 33-52, 2010.

Notamos, mais uma vez, que Plutarco repete o termo registrado por Tucídides, a saber, “falácia” (*kouphología*); a diferença, por exigência da construção da frase, é que aquele a emprega no acusativo *kouphologían* (κουφολογίαν), enquanto este, no dativo *kouphologíai* (κουφολογία), respeitando a sintaxe. Diante do exposto, Da Malícia de um historiador não está restrita a Heródoto; também Tucídides, mesmo elogiado nas páginas seguintes, conforme veremos, escreveu de maneira maliciosa, vendo “o pior em tudo”. Plutarco, assim, apresenta-nos falhas no relato tucidiano que o aproximam de Heródoto em certos momentos. Segundo Momigliano, a crítica plutarquiana dirigida a Heródoto neste tratado demonstra que a questão principal para Plutarco é que a história deve ser algo racional e que nosso autor segue a tradição instituída por Éforo, que “iniciou o padrão que prevaleceu até nossos dias, de ‘livros feitos de livros’, isto é, de compilação” (MOMIGLIANO, 1981: 195). Os comentários de Heródoto e Tucídides apontam as opiniões desses atores sobre uma determinada personagem que não encontram respaldo na documentação; assim, seus relatos sustentam-se por aquilo que eles julgavam ter ocorrido. Desse modo, mesmo afirmando que se distancia da metodologia dos antigos, Tucídides ainda nos revela reminiscências do fazer histórico daqueles, que não escapam ao crivo de Plutarco.

No entanto, a nosso ver, a questão da crítica ao fazer histórico desses autores aparece como um pretexto de Plutarco para desconstruir imagens desfavoráveis aos gregos, que fortaleciam os discursos críticos do presente aos seus antepassados, aos gregos. Essa é a nossa teoria, visão que rege a escrita deste trabalho, tendo como premissa a noção de que Plutarco edifica um discurso favorável aos gregos, para redimensionar o olhar do romano sobre seu passado e desconstruir discursos negativos sobre os gregos de seu tempo, com intuito de fortalecer a identidade grega no Império. O episódio em pauta é um exemplo disso. Vejamos:

Notando que os atenienses começavam a agitar-se contra Clêon e perguntavam por que ele não embarcava imediatamente se a ação lhe parecia tão fácil, e vendo-se ameaçado de cair em desgraça, Nícias disse-lhe para levar as forças que desejasse, e que, tanto quanto dependesse dos comandantes, ele poderia fazer a tentativa. Clêon a princípio mostrou-se disposto a partir, pensando que somente na aparência Nícias lhe oferecia o comando, quando percebeu, todavia que Nícias relamente desejava transmitir-lhe o comando, tentou recuar, dizendo que o comandante não era ele, e sim Nícias; Clêon ficou alarmado naquele momento, pois nunca pensara que Nícias chegasse ao ponto de desistir para ceder-lhe lugar [...]. Assim, sem saber como desvencilhar-se de sua proposta, Clêon resolveu empreender a expedição e, subindo à tribuna, declarou que não temia os lacedemônios e partiria sem levar um único soldado ateniense consigo, mas somente as tropas lêmnicas e

ímbrias que estavam em Atenas e um batalhão de peltastas vindo de Enos, além de quatrocentos arqueiros de outros lugares. (TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*, IV, 28)<sup>9</sup>

No trecho acima transcrito, Tucídides representa uma cidade desprovida de generais corajosos e resolutos, que apenas discursam em Assembleia para exibir uma imagem falsa de suas personalidades aos cidadãos. Vemos Cléon e Nícias temerosos e reticentes em assumir o comando de uma expedição para uma batalha contra os lacedemônios, que o próprio Tucídides declara ser fácil; de fato, os atenienses venceram com tranquilidade os lacedemônios em Pílos no ano de 425 a.C., conforme relata no quarto livro, dos capítulos três ao quatorze. Ora, para o cidadão que pertence a um Império marcado por inúmeros generais, comandantes e imperadores destemidos que enfrentaram não somente inimigos conhecidos, mas também ultrapassaram difíceis barreiras contra cartagineses, gauleses, dácios e outros, o relato tucididiano coloca os gregos em posição inferior, demonstrando-os despreparados para o comando, o que reforça e justifica a sua condição de conquistado no Império romano.

Não por acaso, Plutarco principia a biografia de Nícias anunciando que irá comparar o desastre da expedição militar da Sicília, ocorrido sob seu comando, com o fiasco militar de Crasso na guerra da Pártia: “Plutarco assim inicia sua narrativa: ‘Visto que não nos parece absurdo comparar Crasso a Nícias e os infortúnios da Pártia aos da Sicília...’”. (PLUTARCO, *Vida de Nícias*, I, 1)

Mas será em seu paralelo entre o grego e o romano que nosso autor emitirá suas conclusões sobre suas habilidades militares:

Nas ações militares de Nícias, não há pouca nobreza, pois venceu os inimigos em muitas batalhas, faltou pouco para que tomasse a Sicília, e não muito por causa dele se perdeu, mas pode-se culpar a peste e a inveja dos concidadãos. Crasso, pelos muitos erros cometidos, nem com a fortuna presente algo valioso pôde mostrar, de modo a se admirar sua tolice, não com potencial para que fossem derrotado pelos partos, mas porque a fortuna dos romanos era superior.

(PLUTARCO, *Comparação de Nícias e Crasso*, V, 1-2)

Desse discurso plutarquiano, alguns pontos merecem ser apontados: primeiro, sua intenção de demonstrar que os romanos também conheceram revezes militares por conta de comandantes incapacitados; segundo, suas explicações para o insucesso do general ateniense e, por último, sua aceitação da visão romana de que

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Da Malícia de Heródoto: discurso e resistência cultural em Plutarco*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 33-52, 2010.

9 Tradução de Mário da Gama Kury.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Da Malícia de Heródoto: discurso e resistência cultural em Plutarco*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 33-52, 2010.

a Fortuna lhes era favorável. A potencialidade dessa concepção de que a fortuna romana respondia pelos sucessos militares dos romanos é apreendida em vários relatos. Destacamos aqui o de Políbio, pois, embora o historiador tenha elaborado sua tese de que o poderio romano estava na natureza de sua constituição, como vemos no sexto livro de sua *História*, no livro XXIX, cai em contradição quando demonstra que a Fortuna foi decisiva para a constituição do Império em cinquenta anos, concordando com o seguinte pensamento de Demétrio de Faleró:

E assim Perseus relembra muitas vezes e com amargura as palavras de Demétrio de Fáléron<sup>10</sup>. No seu tratado *Sobre a Sorte*, desejando dar aos homens um exemplo da mutabilidade da Sorte, ele lhes pede para lembrarem a época em que Alexandre conquistou o império persa e diz o seguinte: “Se considerardes não o tempo infinito nem numerosas gerações mas apenas os últimos cinquenta anos, perceberéis neles toda a crueldade da Sorte. Pergunto-vos: pensais que há cinquenta anos os persas e os reis dos persas, ou os macedônios e os reis dos macedônios, se um deus lhes houvesse revelado o futuro, jamais teriam acreditado que na época atual o próprio nome dos persas haveria desaparecido completamente – os persas, que foram senhores de quase todo o mundo –, e que os macedônios, cujo nome era antes quase desconhecido, seriam agora senhores de todo ele? Mas isso não obstante a Sorte, que nunca se compromete definitivamente à nossa vida, que sempre engana as nossas previsões inovando incessantemente, que sempre demonstra o seu poder frustrando as nossas expectativas, agora também, segundo me parece, mostra claramente a todos os homens, entregando aos macedônios todas as riquezas dos persas, que ela apenas lhes empresta esses bens até querer dar-lhes um destino diferente.” E isso aconteceu agora com Perseus. Com certeza Demétrio proferiu essas palavras sobre o futuro como se falasse pela boca de um deus. E eu, escrevendo e refletindo na época do aniquilamento da monarquia macedônia, não julguei acertado passar por esse evento sem um comentário, pois o presenciei com os meus próprios olhos e pensei que me cumpria também fazer algumas observações compatíveis com a ocasião após lembrar as palavras de Demétrio. (POLÍBIO, *História*, XXIX, 21)<sup>11</sup>

O comentário de Políbio revela a importância da Fortuna para a construção e a manutenção de impérios e atesta sua participação na constituição do império romano, pois foram os romanos que destruíram o poderio dos macedônios e que o historiador presenciou. A reflexão de Políbio reforça a teoria sobre sua visão cíclica da histó-

---

10 N. T. Demétrio de Fáléron, que governou Atenas entre 317 e 307 a.C., sob a proteção do rei Macedônio Cássandro, foi discípulo de Têofrastos na escola peripatética e escreveu obras de teor variado, das quais nos restam numerosos fragmentos. A melhor edição desses fragmentos é a de Wehrli, na coleção *Die Schule des Aristoteles*, Basel, 1968, fascículo IV.

11 Tradução de Mário da Gama Kury.

ria, quando faz referência aos cinquenta anos que se passaram para a formação de um novo império, o que nos remete ao livro seis de sua *História*, em que apresenta os cinquenta anos necessários para que um povo desconhecido se tornasse o maior império de seu tempo como motivo de sua análise da constituição romana. No entanto, como vimos, Políbio admite o poder inelutável da Fortuna na formação de um império, leia-se, na derrota militar dos inimigos, o que reforça o pensamento expresso por Plutarco de que Crasso não soube tirar proveito da Fortuna dos romanos para vencer os partos. Com isso, Plutarco atenua o fracasso militar de Nícias na Sicília e demonstra que a infalibilidade e a competência dos generais romanos também são questionáveis, que não eram absolutas. Outro aspecto curioso na comparação entre o grego e o romano é que Plutarco não tece comentários sobre a vitória de Nícias em Pilos, evidenciando sua preocupação com os comentários negativos sobre o desempenho dos generais gregos nos combates.

Contudo, a habilidade militar dos romanos não aparece como um elemento laudatório nas biografias de Plutarco; pelo contrário, na biografia de Pompeu, no segundo capítulo, nosso autor critica a educação do romano que, desde a mais tenra juventude, dedicou-se aos exaustivos exercícios bélicos, o que fundamentará a interpretação plutarquina de seu excessivo amor ao poder, tornando-o a motivação central de sua vida<sup>12</sup>.

A inabilidade grega nos combates parece ser um lugar-comum no imaginário dos romanos. Um exemplo disso é assinalado por Cornélio Nepos em sua biografia de Epaminondas, na qual o general tebano comenta jocosamente a demora dos gregos em conquistar Tróia. O biógrafo romano registra este comentário quando Epaminondas relata as condições de sua vitória sobre os lacedemônios em Leuctra no ano de 371 a.C. (KRAAY, 1976: 100): “Que, por outro lado, me julgas rivalizar com Agamêmnon, se enganas. Aquele, com toda a Grécia, dificilmente em dez anos capturou uma cidade. Eu, apenas com nossa cidade, em um dia, com os lacedemônios afugentados, libertei toda a Grécia”. (CORNÉLIO NEPOS, *Vida de Epaminondas*, V, 5-6)<sup>13</sup>

Antes, porém, o biógrafo ironiza os gregos, por meio de Epaminondas, afirmando que, se os gregos frequentassem menos os ginásios e praticassem mais as artes militares, não teriam tal problema: “Com efeito, a paz nasce da guerra. Assim quem quer gozar da paz

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Da Malícia de Heródoto: discurso e resistência cultural em Plutarco*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 33-52, 2010.

12 Sobre a visão plutarquiana da competência militar romana e sua relação com o apreço desmedido pelo poder, ver (RUIZ CASTELLANOS, 1999: 450-451).

13 Tradução de Bernardo Guadalupe dos Santos Lins Brandão.



SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Da Malícia de Heródoto: discurso e resistência cultural em Plutarco*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 33-52, 2010.

por muito tempo, deve se exercitar na guerra. Por isso, se querem ser pessoas importantes na Grécia, os acampamentos, não os ginásios, devem ser usados por vocês”. (CORNÉLIO NEPOS, *Vida de Epaminondas*, V, 3-4)<sup>14</sup>

No passo anterior, está contida a máxima romana de “a paz nasce da guerra” (*paritur pax bello*), evidenciando a força da cultura militar entre os romanos, corroborada por suas grandes conquistas de territórios com as mais variadas características geográficas, com distintas topografias, em que os romanos demonstraram ao mundo antigo sua organização militar. Como nos esclarece Keppie, o imperador Augusto foi o primeiro a criar um exército permanente com vinte e oito legiões, mas no ano de sua morte incluía vinte e cinco permanentes, com aquartelamentos regulares, efetivos e nomes definidos. Três legiões – XVII, XVIII e XIX – tinham sido aniquiladas no desastre de Varus e esses números jamais voltaram a ser usados. Com o pagamento do soldo, houve a profissionalização do exército e, como o soldado dependia da instituição, validou-a desenvolvendo um espírito corporativo imprescindível à coesão nas ações bélicas. A dedicação exclusiva ao serviço militar favoreceu a criação de novas técnicas que viabilizaram a conquista de territórios antes considerados inexpugnáveis (KEPPIE, 1998: 160-161).

Assim sendo, inserido nessa cultura militar que se orgulha das conquistas realizadas e que ridiculariza a incapacidade militar dos gregos, é compreensível que nosso autor busque elementos que atenuem ou até mesmo desfaçam a imagem de comandantes indecisos e que demonstram medo diante da batalha. A crítica ao relato de Tucídides aponta tal fim, pois, ao sugerir que o historiador ateniense deveria ter valorizado a “audácia e louca paixão” (θρασύτητα και μανίαν) em vez da falácia (κουφολογία) de Cléon, Plutarco pretende ressaltar valores que são caros aos comandantes militares, uma vez que Tucídides salienta uma característica própria dos oradores.

A visível intenção de Plutarco em ocultar as cenas de covardia e incompetência militar dos gregos confere-nos evidências de um discurso corrente em seu tempo sobre a temerosidade dos gregos diante das batalhas. Como foi notado por Corrêa, em seu estudo sobre Arquíloco de Paros, Plutarco omite o terceiro verso do poeta, o mais polêmico; e curiosamente, a omissão será no tratado sobre *Antigos Regimes dos Lacedemônios* em que acentua a honra e os valores militares dos espartanos (CORRÊA, 1998: 112), vejamos os versos do poeta:

---

14 Idem.

Com um escudo um saio ufana-se, o qual junto à moita,  
arma irreprensível, deixei sem querer,  
mas salvei-me. Que me importa aquele escudo?  
Que vá! Arranjo outro, não pior. (ARQUÍLOCO, Fr. 5, 38W)<sup>15</sup>

De fato, em *Antigos Regimes dos Lacedemônios* (239 B-C), ao relatar a chegada de Arquíloco em Esparta, Plutarco induz o leitor a perceber a diferença existente nos valores militares dele com relação aos espartanos; ainda assim, atenua a ironia de Arquíloco, quando repete os versos arquiloquéios à sua maneira. Excetuando-se o terceiro verso, há apenas uma variação, em vez de *parà thámnōi* (παρὰ θάμνωι), nosso autor usa *perì thámnōi* (περὶ θάμνω). Contudo, o terceiro verso não somente foi omitido, como também recriado. Arquíloco escreveu “mas salvei-me. Que me importa aquele escudo?” (αὐτὸν δ’ ἐξεσάωσα. τί μοι μέλει ἀσπίς ἐκείνη);, enquanto Plutarco registra “mas escapei ao fim da morte; aquele escudo” (αὐτὸς δ’ ἐξέφυγον θανάτου τέλος· ἀσπίς ἐκείνη). É interessante perceber que Plutarco, além de omitir e inserir novas palavras no terceiro verso, altera sua pontuação, o que resulta em uma nova leitura do afirmado por Arquíloco, pois onde o poeta afirma: “mas salvei-me. Que me importa aquele escudo? Que vá!” (αὐτὸν δ’ ἐξεσάωσα. τί μοι μέλει ἀσπίς ἐκείνη; ἐρρέτω·), com a reconstrução de Plutarco, lê-se “mas escapei ao fim da morte; que pereça aquele escudo!” (αὐτὸς δ’ ἐξέφυγον θανάτου τέλος· ἀσπίς ἐκείνη ἐρρέτω·).

A reconstrução dos versos arquiloquéios por Plutarco traz à tona a questão da edificação de um discurso cujo objetivo é conferir novas cores às interpretações sobre a relação dos gregos com as atividades militares, tão prezadas e louvadas pelos romanos. Além disso, demonstra sua intenção de reedificar a imagem dos gregos perante os romanos, pois conhecemos as diversas críticas que estes direcionavam aos *graeci*. Contudo, essa não é uma característica restrita ao nosso autor; trata-se de um traço comum na recepção das obras. É preciso considerar que Arquíloco escreveu no período arcaico grego e Plutarco faz sua leitura e releitura à época imperial romana, ou seja, mais de oito séculos separam esses escritos. Então depreendemos que nosso autor realiza uma espécie de reapropriação do texto, em que sua recepção resulta em sua interferência, em nada aleatória, para responder às suas intenções e ao discurso de seu tempo.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Da Malícia de Heródoto: discurso e resistência cultural em Plutarco*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 33-52, 2010.

---

15 Tradução de Paula da Cunha Corrêa.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Da Malícia de Heródoto: discurso e resistência cultural em Plutarco*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 33-52, 2010.

## Agradecimento

Por se tratar de um estudo resultante de meu primeiro pós-doutorado, financiado pela Fapesp, destino meus sinceros agradecimentos a essa Instituição, que há anos possibilita o desenvolvimento de meus projetos e a sedimentação de minha formação como pesquisadora. Agradeço à Profa. Dra. Maria Celeste Consolin Dezotti pelo zelo e companheirismo, além de seus preciosos ensinamentos que enriqueceram sobremaneira a escrita deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

### Edições

CORNÉLIO NEPOS. **Vida de Epaminondas**. Tradução de Bernardo Guadalupe dos Santos Lins Brandão. <http://br.geocities.com/bibliotecaclassica/textos/epaminondas.htm>, 2003.

FLÁVIO JOSEFO. **Autobiografia**. Tradução e adaptação de Antonio C. Godoy. Curitiba: Juruá, 2002.

HERÓDOTOS. **História**. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1988.

PLUTARCO. **Da Malícia de Heródoto**. Estudo, tradução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edusp, (no prelo).

PLUTARCH. **Life of Nicias. Lives. Vol. III**. Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard

\_\_\_\_\_. **On Exile. Moralia. Vol. VII**. Translated by Phillip H. de Lacy & Benedict Einarson. Cambridge/Massachusetts/London: Harvard University Press, 1959.

\_\_\_\_\_. **Precepts of Statecraft. Moralia. Vol. X**. Translated by Harold North Fowler. Cambridge/Massachusetts/London: Harvard University Press, 2002.

\_\_\_\_\_. **The Ancient Customs of the Spartans. Moralia. Vol. III**. Translated by Frank Cole Babbitt. Cambridge/Massachusetts/London: Harvard University Press, 2004.

POLÍBIOS. **História**. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

\_\_\_\_\_. **História da Guerra do Peloponeso – Livro I**. Tradução e apresentação de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. Texto grego estabelecido por Jacqueline de Romilly. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

## Bibliografia citada

CORRÊA, Paula da C. **Armas e Varões: a Guerra na Lírica de Arquíloco de Paros**. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

DURÁN LÓPEZ, María A. Plutarco, Ciudadano Griego y Súbdito Romano. In: DE BLOIS, Lukas; JEROEN, Bons; KESSELS, Ton & SCHENKEVELD, Dirk M. (Eds.). Vol. I: Plutarch's Stateman and his Aftermath: Political, Philosophical, and Literary Aspects. Proceedings of the Sixth Internacional Conference of the International Plutarch Society. Nijmegen/Castle Hernen, May 1-5, 2002". **Mnemosyne**, Supplementum, [s.i], v. 250, p. 33-41, 2004.

FINLEY, Moses I. **História Antiga: Testemunhos e Modelos**. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo, Martins Fontes, 1994, original de 1985.

\_\_\_\_\_. *Politics in the Ancient World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

FORREST, Willian G. Herodotus and Athens. **Phoenix**, [s.i], v. 38, p. 1-11, 1984.

GÓMEZ ESPELOSÍN, Francisco J. Los Límites de Grecia en la Geografía Griega. In: LÓPEZ BARJA, Pedro & REBORDA MORILLO, Susana (Eds.). **Fronteras e Identidad em el Mundo Griego Antiguo. III Reunión de Historiadores** (Satinago-Trasalba, 25-27 de septiembre de 2000). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela e Universidade de Vigo, p. 87-105, 2001.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Da Malícia de Heródoto: discurso e resistência cultural em Plutarco*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 33-52, 2010.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Da Malícia de Heródoto: discurso e resistência cultural em Plutarco*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 33-52, 2010.

GOZZOLI, Sandra. Fondamenti Ideali e Pratica Política del Processo di Romanizzazione nelle Provincie. *Athenaeum*. [s.i], v. 75, n. 1-2, p. 81-108, 1987.

KEPPIE, Lawrence. **The Making of the Roman Army from Republic to Empire**. London: Routledge, 1998.

KRAAY, Colin M. **Archaic and Classical Greek Coins**. London, Methuen, 1976.

MOMIGLIANO, Arnaldo. História e Biografia. In: FINLEY, Moses I. (Ed.). **O Legado da Grécia: uma Nova Avaliação**. Tradução de Yvette Veira Pinto de Almeida. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 185-210, 1998.

\_\_\_\_\_. *The Development of Greek Biography*. Cambridge/Massachusetts/London: Harvard University Press, 1993.

REIMÃO, Cassiano. A Cultura enquanto Suporte de Identidade de Tradição e de Memória. **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Identidade, Tradição e Memória**. Actas do 1º Colóquio Interdisciplinar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, n. 9, p. 309-322, 1996.

ROMILLY, Jacqueline. **A Tragédia Grega**. Tradução de Leonor Santa Bárbara, a partir da 6ª edição francesa de 1997. Lisboa: Anos 70, 2008.

RUIZ CASTELLANOS, Antonio. Plutarco, Vida de Pompeyo, Biografia e Teoría Cognitiva. In: MONTES CALA, José G.; ORTIZ DE LANDALUCE, Manuel S. & GALLÉ CEJUDO, Rafael J. (Eds.). *Plutarco, Dioniso y el Vino*. **Actas del IV Simposio Español sobre Plutarco**. Cádiz, 14-16 de Mayo de 1998. Ediciones Clássicas, Cejudo, p. 447-462, 1999.

RUSSELL, Donald A. **Plutarch**. Great Britain/ New York: Charles Scribner's, 1973.

SCARDIGLI, Barbara. **Die Römerbiographien Plutarchs: ein forschungsbericht**. München: Verlag C. H. Beck, 1979.

SCHLÖGL, Albert. **Heródoto**. Traducción Javier Alonso López. Madrid: Alderaban, 2000.

SILVA, Maria A. O. Plutarco e os Romanos. In: FUNARI, Pedro P. A. & \_\_\_\_\_ (Orgs.). **Políticas e Identidade no Mundo Antigo**. São Paulo: Annablume, p. 163-178, 2009.

\_\_\_\_\_. Plutarco e a Prática do Suborno na Atenas de Péricles”. In: CERQUEIRA, Fábio V.; NOBRE, Chimene K.; GONÇALVES, Ana T. M.; SILVA, Glaydson J. & VARGAS, Anderson Z. (Orgs.). **Guer-ra e Paz no Mundo Antigo**. Pelotas, Laboratório de Antropologia e Arqueologia/UFPel, p. 185-201, 2007.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Da Malícia de Heródoto: discurso e resistência cultural em Plutarco*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 33-52, 2010.